



Redes de Mulheres Trabalhadoras
Acesso a Serviço Psicossocial Diante da Violência Sexual Contra Crianças
e Adolescentes

Imagen da capa da dissertação: o desenho é uma arte exclusiva e cuidadosamente produzida pela ilustradora Adriana Barcelos Saldanha, de Uberaba-MG, para esta dissertação. O objetivo do desenho é representar o tema do estudo e os principais achados desta dissertação – redes sociais “frágeis” de mulheres trabalhadoras.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE
AMBIENTAL E SAÚDE DO TRABALHADOR

ELZELI GONÇALVES DA SILVA ALVES

**REDES DE MULHERES TRABALHADORAS: ACESSO A SERVIÇO
PSICOSSOCIAL DIANTE DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS
E ADOLESCENTES**

UBERLÂNDIA-MG

2025

**REDES DE MULHERES TRABALHADORAS: ACESSO A SERVIÇO
PSICOSSOCIAL DIANTE DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E
ADOLESCENTES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador da Universidade Federal de Uberlândia (PPGSAT/UFU), Instituto de Geografia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.
Linha de pesquisa: Saúde do Trabalhador
Orientador: Prof. Dr. Ailton de Souza Aragão

UBERLÂNDIA-MG

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A474r
2025 Alves, Elzeli Gonçalves da Silva, 1965-
 Redes de mulheres trabalhadoras [recurso eletrônico] : acesso a
 serviço psicossocial diante da violência sexual contra crianças e
 adolescentes / Elzeli Gonçalves da Silva Alves. - 2025.

Orientador: Ailton de Souza Aragão.

Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do
Trabalhador.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5171>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Família - Saúde e higiene. I. Aragão, Ailton de Souza, 1974-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. III. Título.

CDU: 613.9

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 3E, Sala 128 - Bairro Santa Monica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: 34-3239-4591 - ppgsat@igesc.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional PPGSAT				
Data:	02/06/2025	Hora de início:	09h:34	Hora de encerramento:	10h:54
Matrícula do Discente:	12312GST011				
Nome do Discente:	Elzeli Gonçalves Da Silva Alves				
Título do Trabalho:	Redes de mulheres trabalhadoras: Acesso a serviço psicossocial diante da violência sexual contra crianças e adolescentes				
Área de concentração:	Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador				
Linha de pesquisa:	Saúde do Trabalhador				
Projeto de Pesquisa de vinculação:					

Reuniu-se em web conferência, em conformidade com a PORTARIA Nº 36, DE 19 DE MARÇO DE 2020 da COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador, assim composta: Professores(as) Doutores(as):

Nome completo	Departamento/Faculdade de origem
Karine Rezende de Oliveira	UFU/ICENP
Andréa Damiana da Silva Elias	UFRJ/IPUB
Luciana Silvério Alleluia Hingino da Silva	FIOCRUZ-CE/CAAPS
Ailton de Souza Aragão (Orientador da candidata)	UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Ailton de Souza Aragão apresentou a Comissão Examinadora a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu a Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

APROVADA

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ailton de Souza Aragao, Usuário Externo**, em 06/06/2025, às 14:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Karine Rezende De Oliveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 08/06/2025, às 21:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andréa Damiana da Silva Elias, Usuário Externo**, em 16/06/2025, às 14:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Silvério Alleluia Higino da Silva, Usuário Externo**, em 16/06/2025, às 18:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6396785** e o código CRC **E211B4CB**.

Dedico este estudo, às mulheres, de minha ancestralidade, mulheres negras que vieram antes de mim, pelo reconhecimento de suas lutas, e tantas outras mulheres que fizeram e continuam fazendo parte da minha caminhada e principalmente aos meus três SSS, Simone, Solanne e Suzane, comandos vitais da minha existência, que me permitiram exercer os papéis de mulher, mãe, amiga, avó, trabalhadora e pesquisador.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo, à minha família consciencial, a todo meu grupo carma, as minhas filhas e em especial à Sol, que enxergou em mim o potencial de mulher além da maternagem. Ela que sempre acreditou, incentivou e encorajou-me a trilhar novos caminhos e buscar novas possibilidades.

A alguns colegas de trabalho por onde transitei, às amigas mestras e doutoras da minha convivência cotidiana, que me incentivaram a persistir frente às adversidades. Nada seria possível sem o apoio de pessoas generosas, que a vida teceu na minha rede pessoal proximal em forma de encontros, reencontros, permanências e partidas que em múltiplas formas contribuíram para essa trama.

Aos professores que integram o Programa de Pós-Graduação em Saúde Ambiental e dos Trabalhadores da Universidade Federal de Uberlândia - UFU/MG pelo compartilhamento e troca de saberes.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Ailton de Souza Aragão por toda paciência, colaboração e liberdade para realização desta dissertação.

Agradeço também à CAPES/MEC pela existência da Pós-Graduação em nível de mestrado *stricto sensu* na modalidade profissional, que possibilita aos trabalhadores esse movimento dialético entre teoria e práxis.

Agradeço a cada uma das mulheres/flores que participaram deste estudo, apresentando- me os seus universos, dos mais belos aos mais doloridos. Obrigada por tudo e por tanto. Certamente os nossos encontros me marcaram profundamente.

Por tudo e a todes, gratidão!

“Faça uma lista de grandes amigos
Quem você mais via há dez anos atrás?
Quantos você ainda vê todo dia?
Quantos você já não encontra mais?
Faça uma lista dos sonhos que
tinha Quantos você desistiu de
sonhar?
Quantos amores jurados pra sempre?
Quantos você conseguiu preservar?”¹

¹ O Trecho da música, **A Lista** de Osvaldo Monte Negro, composta em 1999, lançada em 2001. A letra desta canção é uma reflexão que começa com a lembrança de amigos antigos e questiona quantos permaneceram próximos com o passar do tempo? Essa abordagem ressalta a natureza efêmera das relações humanas e a facilidade com que as conexões podem se perder na correria do dia a dia.

RESUMO

A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma realidade dramática no cotidiano brasileiro e é um grave problema de saúde pública. Porém, seus desdobramentos não se restringem às vítimas diretas. Compreendendo que a rede de proteção está atrelada a rede de cuidados, poucos são os estudos direcionados exclusivamente para o cuidado em saúde das mulheres que vivenciam a violência sexual sofrida por seus filhos e/ou afetos. Assim, o objetivo geral deste estudo foi descortinar as redes sociais proximais e institucionais de mulheres trabalhadoras, cujas crianças e adolescentes, sob sua responsabilidade, foram vítimas de violência sexual e frequentam o Núcleo Especializado no Atendimento de Crianças/Adolescentes Vítima de Agressão Sexual (NEVAS) em Uberaba-MG. O estudo adotou uma abordagem qualitativa. Participaram do estudo 10 mulheres e a construção de dados ocorreu pela aplicação de questionários semiestruturados com 14 questões fechadas e uma aberta, entre os meses de fevereiro e março de 2024. Os dados sociodemográficos foram computados, tabulados e apresentados de forma descritiva. Os dados qualitativos foram analisados inspirados nos passos da análise temática e por Mapas Mínimos da Rede Pessoal e Social desenhados pela pesquisadora. Os dados apresentaram redes pessoais reduzidas e fragmentadas, com pouca ou nenhuma articulação entre os diferentes serviços públicos ou privados. O estudo permitiu refletir que a ausência dessa rede de apoio, fragiliza os vínculos com profissionais, serviços e dificulta o acesso aos serviços. Para além da fragilidade da rede, o estudo sinalizou que o acolhimento das questões da violência é fundamental para essas mulheres que, em muitos casos, não tiveram apoio na família ou não tem rede para compartilhar essas situações. Olhares e ações articuladas interdisciplinares e intersetoriais são recomendadas.

Descritores: Violência Sexual. Criança. Adolescente. Mulheres. Rede Social.

ABSTRACT

The sexual violence against children and teenagers is a dramatic reality in the Brazilian society and a serious problem of public health. Nevertheless, its consequences do not restrict themselves to the direct victims. I comprehend the protection and the care network are both coupled together and the studies directed exclusively to the health care of the women that experienced sexual violence that happened with their sons and/or loved ones are few. The general objective of this study was to identify and analyse the social support network, closely or institutional, of workingwomen, in which children and teenagers, under their protection, suffered sexual violence and utilize the Specialized Nucleus of Assistance of Children and Teenagers victims of sexual aggression (NEVAS) in the city of Uberaba, MG. This study adopts a qualitative approach through the application of a questionnaire containing fourteen multiple choice and one open question between February and March of 2024. The socio-demographic data were compiled and presented on a descriptive form. The qualitative data was analyzed utilizing the thematic analysis and the Mapas Mínimos da Rede Pessoal designed by the author. The data analysis showed the social support networks are scattered or reduced and there is little or none articulation between the different public or private services offered. In addition to that, the lack of the workingwomen social support network diminishes the relationship between these women with the professionals and services. This study also evidenced that a careful listening of the sexual violence questions is fundamental for these women. In many cases, these women did not possess any family support or do not have any network to share these situations. Therefore, attention and articulated interdisciplinary and intersectoral actions are recommended.

Keywords: Sex Offenses. Child. Adolescent. Women. Social Support.

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CRAS	Centro de Referência em Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado em Assistência Social
APS	Atenção Primária em Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
APS	Atenção Psicossocial
CAPSIJ	Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
SUS	Sistema Único de Saúde
BF	Bolsa Família
CADÚnico	Cadastro Único
PTS	Projeto Terapêutico Singular
INSS	Instituto Nacional de Seguro Social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
NEVAS	Núcleo de Atendimento à Criança e Adolescente Vítima de Violência Sexual
PPGSAT	Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora

LISTAS DE QUADROS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	18
1 INTRODUÇÃO	19
2 OBJETIVOS	22
2.1 Objetivo Geral	22
2.2 Objetivos Específicos	22
3 PERCURSO METODOLÓGICO	23
3.1 Considerações Éticas	23
3.2 Tipo de Estudo	23
3.3 Cenário da Pesquisa	23
3.4 Seleção das Participantes	24
3.5 Participantes	25
3.6 Procedimentos de Registro dos Dados	25
3.7 Construção de dados	26
3.8 Procedimentos de tratamento e análise dos dados	26
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
4.1 O perfil das participantes (o gênero, a cor, a renda, etc da vulnerabilidade)	30
4.2 Redes Sociais Pessoais (tecendo o cuidado cotidiano com linhas fragilizadas)	32
4.3 NEVAS: potencialidades e fragilidades das redes das mulheres em acompanhamento dos filhos ou afetos	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	55
APÊNDICE A - Questionário Sociodemográfico para mães/responsável	55
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	56
APÊNDICE C - Parecer Consustanciado do CEP	59

APRESENTAÇÃO

Para apresentar o percurso que me mobilizou a desenvolver esta pesquisa, partilho alguns trechos da minha história de vida.

Sou Elzeli, tenho 60 anos. Graduada em Serviço Social pela Universidade de Uberaba, em 2008, e pós-graduada em Políticas Públicas e Gestão do SUAS, em 2010. Fui a sexta filha de uma mulher negra, lavadeira, analfabeta e separada de um marido braçal, alcoólatra, analfabeto funcional. Contam que meus pais Francisca e José se casaram muito jovens. Eles moravam em Campos Altos, MG. Nesta cidade só tinha trabalho na plantação ou colheita cafeeira. Foi nesse cenário que meus genitores viveram na condição de empregados ou desempregados, juntos ou apartados e tiveram sete filhos (as), sendo seis mulheres e um homem.

Vivenciamos o êxodo rural. Eu tinha seis meses de vida quando viemos para Uberaba. Nessa época, morávamos em dois cômodos alugados com banheiro compartilhado do tipo fossa, num bairro distante, sem arroamento, sem infraestrutura e não havia transporte coletivo. Recordo que a vida era muito precária, mamãe lavava roupas de domingo a domingo tirando água de uma cisterna puxada na corda e balde, para pagar o aluguel e botar uma refeição por dia em casa. Francisca foi teoricamente mãe solo, na criação dos filhos. Sempre educando com um discurso desafiador:

“Vocês têm que estudar, não quero que minhas filhas fiquem burras como eu. Estudem pelo menos até a quarta série. Estudar mais que isso é bobagem, porque pra limpar chão pros outros tá bão demais.”

Em função da precariedade familiar, vivenciei o trabalho infantil desde os oito anos de idade. Fui adultizada pela vida, rotulada pelas roupas surradas que usava. Do ensino fundamental à faculdade em Serviço Social, entre os anos 1984 e 2008, meus estudos aconteceram no período noturno devido à minha inserção no mercado de trabalho. Casei aos 19 anos, tive três filhas e, após 17 anos de casada, retorno ao mundo do trabalho, em 2002, por meio de concurso público, nas funções de auxiliar de limpeza, coordenadora de projetos e gerente de Unidade. Ingressei na faculdade pelo (ENEN/PROUNI) e, desde então, não parei de estudar.

Acreditei no meu potencial enquanto mulher e rompi com a manipulação na relação conjugal e o cabrestamento vivenciado por gerações e as muitas barreiras, inclusive de ciclos

de analfabetismo familiar. Reconheço o quanto essa TRANS(formação)², e empoderou enquanto mulher, produzindo luzes e incentivos a outras mulheres na continuidade dos estudos e/ou retorno aos estudos, especialmente, no âmbito familiar.

Referente à minha trajetória profissional, transitei da Secretaria de Desenvolvimento Social para a Secretaria de Saúde, e em 2018 fui lotada em um CAPS Infantojuvenil. Reflito que foi neste espaço ocupacional, entrelaçando minha história de vida com as vivências daquelas mulheres atendidas, que despertou um desejo acadêmico de focar minha atenção às mulheres mães ou responsáveis familiares que acompanham seus filhos e/ou afetos no dia-a-dia.

Sobre esse público, identifico que no meu cotidiano de atuação no CAPSij, entre os anos 2018 e 2022, atendi diariamente crianças e adolescentes vítimas e/ou testemunhas de violência sexual. Nessa prática, uma questão que me atravessava e preocupava muito no acompanhamento desse grupo populacional era por que as mulheres/mães não conseguiam perceber a importância do acompanhamento em saúde mental de seus filhos e não conseguiam se envolver ou ter assiduidade nos atendimentos.

Vale a pena destacar que, em maio de 2023, fui impulsionada juntamente com uma pequena equipe, a implantar o NEVAS. Nesse momento, o município percebeu o aumento das notificações de Violência Sexual (V.S), cumprindo normativa estabelecida em (Brasil, 10.778/2023), e da demanda para acompanhamento de crianças e adolescentes vítimas e/ou testemunhas de violência sexual, o que evidenciou aos gestores a necessidade de implantar um serviço especializado para esse atendimento.

Na experiência no CAPSI, como técnica de referência para o acolhimento inicial das famílias, me deparei com a importância em pesquisar sobre mulheres/mães ou responsáveis das crianças e adolescentes. Com o acolhimento e a escuta destas mulheres, foi possível acessar muitas de suas experiências e marcas profundas, dolorosas e situações vivenciadas por elas, e também relatos das dificuldades de acesso ou desconhecimento da Rede de Cuidado destinado exclusivamente a estas mulheres.

Dessa forma, busquei o Programa de Mestrado Profissional em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador da Universidade Federal de Uberlândia (PPGSAT/UFU), na linha de pesquisa Saúde do Trabalhador, com a intenção de aprofundar em novos conhecimentos e descortinar realidades sobre o tema de pesquisa “redes de mulheres trabalhadoras diante da experiência de violência sexual contra crianças e adolescentes”. Isso porque comprehendo que os princípios, diretrizes e estratégias da Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da

² A intenção do destaque em caixa alta da palavra TRANS foi para evidenciar o quanto a educação foi transformadora na minha vida e na vida de outros membros da minha família que seguiu meu exemplarismo.

Trabalhadora, definido na Portaria (Brasil, 2012)³, precisam abranger o cuidado das trabalhadoras, independente de vínculos trabalhistas e modalidades de trabalho. Entende-se como *trabalho no lar* às atividades remuneradas sem vínculos trabalhistas ou atividades domésticas. Essas atividades são definidas como um conjunto de afazeres que demandam tempo, dedicação, conhecimentos e habilidades, que também é conhecido como trabalho invisível⁴.

³ A Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora define princípios diretrizes e as estratégias nas três esferas de gestão do SUS – federal, estadual e municipal, para o desenvolvimento das ações de atenção integral à Saúde do Trabalhador, com ênfase na vigilância, visando a promoção e a proteção da saúde dos trabalhadores (Brasil, 2012).

⁴Dossiê aborda “trabalho invisível” de mulheres e meninas ao redor do mundo. Em <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/15/dossie-aborda-trabalho-invisivel-de-mulheres-e-meninas-ao-redor-do-mundo>.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação foi organizada nas seguintes seções: na *introdução*, apresenta os conceitos de violência e violência sexual, redes, saúde mental, de acordo com as legislações, o problema da pesquisa e a questão orientadora da pesquisa. Serão então elencados os *objetivos* em que estão expostos os propósitos do estudo. Em seguida, apresenta o *percurso metodológico* explicitando o caminho feito para realização da pesquisa. Na seção *resultados e discussão* contempla os achados na pesquisa. Nas *considerações finais* discorre sobre a síntese dos principais resultados do estudo e são apresentadas as expectativas para estudos futuros e limites do estudo. E, por fim, no Pós texto, estão incluídas referências e apêndices.

1 INTRODUÇÃO

A violência sexual é entendida como um grave problema de saúde pública e de violação de direitos humanos. Ela é um fenômeno sócio-histórico, complexo e polissêmico que permeia a trajetória da humanidade e produz prejuízos ao desenvolvimento integral do ser humano, sobretudo, de crianças e adolescentes (Alves *et al.*, 2024). Segundo a OMS (2002, p.27) "A violência é todo ato intencional autoinfligido ou praticado contra outra pessoa ou grupo que possa resultar em lesões, problemas psicológicos, deficiência, privação e morte.

A violência em geral, e principalmente a sexual, perpetrada contra o público infantojuvenil, têm revelado alta prevalência. Ressalta-se que a violência sexual se manifesta transgeracionalmente, produzindo sofrimentos globais e se mostra sensível aos Determinantes

Sociais de Saúde como raça, gênero e idade aliados aos sócio-político-ambientais e econômicos, de ordem mais geral, conforme constatado no Anuário Brasileiro de Segurança

Pública (2024). Da compreensão de sua complexidade emerge a necessidade de uma abordagem multidisciplinar e de cuidados intersetoriais, capazes de atuar sobre os impactos causados pela

violência desta natureza.

A saúde mental, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), é um estado de bem-estar, no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo (a) e contribuir com sua comunidade. Estudo de Lima e Guimarães (2024) mostra que a saúde está associada ao pertencimento ou não da pessoa na comunidade em que vive e na participação social de ações propostas nas instituições existentes no território que ela transita (instituição religiosa, escolar, saúde, educação, cultura, esportes e outras).

Partindo da definição da OMS (2020) para compreender o estado de bem-estar das pessoas é preciso analisar quais os direitos sociais estão garantidos a elas como: moradia, transporte, trabalho, acessos a programa de transferência de renda e outras políticas públicas, pois a saúde mental perpassa todos estes condicionantes que afetam diretamente as pessoas.

Sob esse prisma, a efetivação dos direitos sociais no Brasil, conforme apregoa a Constituição Federal de 1988, se dá por meio de políticas públicas. Essas políticas, como oriundas de uma resultante de negociações na esfera Estatal e da Sociedade Civil, nem sempre são implantadas em sua totalidade. Logo, cidadãos e cidadãs em maior vulnerabilidade social podem permanecer aliados do acesso a estas políticas, não tendo seus direitos sociais efetivados. Considerando a garantia dos direitos sociais, no Brasil, as mulheres, sobretudo as negras, residentes em territórios vulnerabilizados “territórios conflagrados” são as que mais têm dificuldade para acessar as políticas, como as de saúde mental para atendimento de seus

filhos,

filhas ou aquelas sob seus cuidados (Minayo, 2006; Lima; Guimarães, 2024).

A rede social ocupa um lugar de representatividade na vida cotidiana de pessoas e grupos. Ela se apresenta como um elo potencializador das relações, porque exige a participação ativa dos sujeitos e interesses. A rede social configura-se em um instrumental de análise e construção de ordem social, formada por um grupo de pessoas que mantêm relações de amizade, de camaradagem por meio de confiança e fidelidade (Marteleteo, 2001; Martins; Fontes, 2004; Molina et al., 2005).

A rede social refere-se a um grupo de pessoas, membros da família, vizinhos, amigos e outras pessoas, com capacidade de aportar uma ajuda e um apoio tão reais quanto duradouros a um indivíduo ou família, como apresentado por (Sluzki, 1997, p. 24).

Este estudo foi orientado pelo conceito de Redes Proximal e Institucional proposto por Sluski (1997), buscando sinalizar a proximidade ou não de afetação e vínculo de amizade, família, rede nomeada de rede social pessoal. Para Sluski (1997, p.37), o conceito de rede social pessoal representa:

[...] a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativo ou que define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para a sua auto-imagem (*apud* Teixeira, 2002, p. 37).

Considerando, especificamente, a saúde da mulher trabalhadora ante o desafio de efetivar o Direito à Saúde, esta pesquisa interessou pelo tema cuidado em saúde efetivado, ou não. Os estudos de Santos *et al.* (2021) mostram que existe uma rede de proteção para essas mulheres, quando elas são as vítimas diretas da violência. Essa proteção se dá por meio legal editado nas legislações que propõem escuta, abrigamentos, afastamento em medida protetiva, programa de proteção à vítima e outras.

No entanto, quando se considera o cuidado em saúde direcionado a essas mulheres/mães que vivenciam o fenômeno da violência no contexto familiar em que crianças e adolescentes que foram vítimas ou testemunhas de violência, não existe respaldo legal que priorize programas ou projetos específicos que contemple os atendimentos em saúde para essas mulheres que garanta o seu bem-estar psicossocial.

1.1 Problema de pesquisa

A necessidade de compreender a rede pessoal proximal das mulheres cujas filhas (os) e afetos são atendidos no Núcleo de Atendimento Especializado a Crianças e Adolescentes Vítimas ou Testemunhas de Violência Sexual (NEVAS) se dá pela compreensão de que a articulação e convergência dessas redes no território, composto por vulnerabilidades, quanto por pontos fortes, depende da eficácia e eficiência do atendimento destinado às crianças e adolescentes.

Dessa forma, ao compreender que o cuidado se faz em rede, é importante saber o alcance que as pessoas, especialmente as/os cuidadores têm nos equipamentos e serviços que compõem o cuidado nos territórios que circulam (Brasil, 2011). Ou seja, esta pesquisa almeja, a partir do reconhecimento e análise dos fatores facilitadores e/ou dificultadores para a promoção da saúde mental, identificar as redes que as próprias participantes reconhecem como apoio.

Considerando, especificamente, a rede de cuidados das mulheres trabalhadoras ante ao desafio de efetivar direito à Saúde, esta pesquisa mostra que existe potencialidade da rede de proteção para mulheres que são vítimas de violência sexual, violência domésticas, por meio de estratégias de informação, orientação e acolhimento (Godinho, 2000; Guzmán, 2000). Compreendendo que a rede de proteção está atrelada a rede de cuidados, não encontramos muitos estudos direcionados exclusivamente para os cuidados em saúde dessas mulheres que vivenciam a violência sexual sofrida por seus filhos e/ou afetos.

1.2 Questão Orientadora da Pesquisa

Quais são as redes sociais existentes para as mulheres trabalhadoras que acompanham crianças e adolescentes que foram vítimas de violência sexual?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Descontar as redes sociais proximais e institucionais de mulheres trabalhadoras cujas crianças e adolescentes, sob sua responsabilidade, foram vítimas de violência sexual e frequentam o Núcleo Especializado no Atendimento de Crianças/Adolescentes Vítima de Agressão Sexual (NEVAS) em Uberaba-MG.

2.2 Objetivos Específicos

- Apreender o perfil sócio demográfico das mulheres trabalhadoras que conduzem crianças e adolescentes vítimas de violência sexual ao NEVAS.
- Identificar e descrever as redes proximais e institucionais de mulheres cujas crianças e adolescentes vítimas de violências sejam atendidas pelo NEVAS.
- Evidenciar as potencialidades e/ou fragilidades da rede de proteção dessas trabalhadoras.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Considerações Éticas

A pesquisa foi autorizada pela Secretaria Municipal de Saúde do município mineiro, submetida e aprovada pela Plataforma Brasil e pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob protocolo CAAE: nº 76222323.60000.5154 e Parecer nº 6.604.984. Sequencialmente, a pesquisa foi submetida e aprovada pela Banca de Qualificação Final do Projeto de Pesquisa, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador, da Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia (PPGSAT) em 16 de novembro de 2023, possibilitando o preenchimento dos requisitos para início da pesquisa de campo.

3.2 Tipo de Estudo

Para responder à questão orientadora e atingir os objetivos definidos nesta pesquisa, adotou a abordagem qualitativa, considerando os processos socialmente construídos. O método qualitativo desenvolve possibilidades de relação direta entre sujeitos da pesquisa e o pesquisador, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, ações e relações humanas, proporcionando um resultado que evidencia a realidade social (Minayo, 2017).

Denzin e Lincoln (2020) caracterizam a pesquisa qualitativa como a que contempla práticas materiais e interpretativas existentes no cotidiano das pessoas. Estas práticas dão materialidade a um conjunto de representações como: fotografias, notas de campo, entrevistas dentre outras, as quais estudam as coisas em seu cenário natural, objetivando compreender melhor o fenômeno estudado. Dentre as possibilidades de pesquisa qualitativa, propõe a metodologia participativa e colaborativa. Essa metodologia é caracterizada por processos pautados em princípios democráticos e na escuta das necessidades coletivas, almejando o engajamento e reflexões sobre as ações (Wallerstein *et al.*, 2019).

3.3 Cenário da Pesquisa

A pesquisa foi realizada no Núcleo Especializado no Atendimento de Crianças/Adolescentes Vítima de Agressão Sexual (NEVAS). Está localizado na Av. Orlando Rodrigues da Cunha, nº 2223 - Bairro Abadia, Uberaba-MG. Ele é um equipamento da Rede de Atenção

Psicossocial (RAPS) que integra a Atenção Básica em Saúde e presta atendimento as vítimas quando o último episódio de agressão sexual tenha ocorrido após dez dias. O serviço é pioneiro no município de Uberaba, existente há um ano e meio em um local constituído por três salas cedidas para o atendimento exclusivo desta demanda, dentro de uma Unidade Básica de Saúde (UBS). O serviço é constituído por uma equipe multidisciplinar composta por: psicólogas, médica pediatra e ginecologista, assistente social e enfermeira, equipe que realiza atendimento ambulatorial à saúde integral das vítimas. O serviço recebe encaminhamentos de toda a Rede de Proteção e Cuidado à Criança, ao adolescente e ao Jovem do município e também as demandas espontâneas, o que o caracteriza um serviço Porta Aberta.

O público-alvo de atendimento é crianças e adolescentes com idade entre um e 18 anos. Os atendimentos são na modalidade individual e grupal de forma articulada com outros pontos da rede de saúde e demais redes. A porta de entrada é pelo Serviço Social e o acolhimento inicial da família e/ou responsável da criança/adolescente é realizado pela assistente social. O cuidado ofertado é desenvolvido mediante Projeto Terapêutico Singular (PTS), com durabilidades entre dois a seis meses a depender das possibilidades da vítima. O atendimento é feito no contraturno escolar, sempre que possível. O PTS é construído junto com a/o responsável familiar.

3.4 Seleção das Participantes

Após aprovação do PPGSAT e do CEP, foi realizado um convite verbal aos responsáveis pelas crianças/adolescentes: mães, pais, tias e avós biológicas ou afetivas para participarem da pesquisa. O convite foi feito durante o acolhimento familiar realizado cotidianamente pela assistente social, pesquisadora deste estudo, no NEVAS. O convite e a seleção de participantes ocorreram no período entre março e abril de 2024. O critério de inclusão de participantes na pesquisa foi: possuir 18 anos ou mais; ser o responsável familiar/acompanhante das crianças e adolescentes atendidos no NEVAS.

Os critérios de exclusão de participantes da pesquisa consistiram em interrupção temporária ou abandono do tratamento, durante o processo de geração dos dados e desistência de participação no decorrer do processo de construção dos dados.

A presença masculina nos acompanhamentos das crianças/adolescentes nos atendimentos tem uma representatividade muito pequena. No período dos convites para a coleta de dados apareceram dois pais e um avô. Eles foram convidados a participar do estudo, mas não aceitaram o convite. Embora o estudo tenha sido direcionado às mulheres, ficou livre a

participação masculina, desde que eles fossem os acompanhantes. Porém não houve a participação de homens.

Felizmente, nenhuma das participantes que aceitaram os convites, abandonaram os tratamentos/acompanhamentos dos filhos ou afetos durante a construção de dados. Foram realizados aproximadamente vinte convites aos responsáveis familiares/acompanhantes, destes, dez mulheres aceitaram e participaram das entrevistas.

3.5 Participantes

A pesquisa contou com a participação de dez mulheres que acompanharam seus filhos durante o atendimento no NEVAS, município de Uberaba-MG. Com o objetivo de garantir o sigilo de suas identidades, as participantes foram convidadas a escolherem e se autodefinirem por um nome de flor. Os nomes escolhidos por estas protagonistas foram Violeta, Sácura, Margarida, Rosa, Girassol, Flor de Maio, Orquídea, Vitória Régia, Ipê e Dália.

3.6 Procedimentos de Registro dos Dados

Para compreender as relações existentes ou ausentes destas mulheres, apliquei como instrumento de pesquisa um questionário *sociodemográfico semiestruturado*, contendo um roteiro com 15 perguntas das quais 14 são fechadas, e uma aberta com questionamentos pessoais e sociais (apêndice A). O conteúdo deste questionário são questões relacionadas à formação/auação, dados pessoais e às condições de moradia. A pergunta disparadora para iniciar as entrevistas gravadas foi: *Qual é sua rede de apoio pessoal proximal no território que você vive, apontando quais os equipamentos sociais, de saúde e/ou lazer que você acessa em sua rotina cotidiana?*

Assim, os registros dos dados ocorreram de acordo com cada método e instrumento apresentados no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Procedimentos de registro, conforme o método da pesquisa adotado.

Métodos	Instrumentos	Procedimento de Registro
Entrevista	Questionário Sociodemográfico	Folhas impressas do questionário
	Questões fechadas	
	Questão aberta	Gravados em áudio de mídia

Fonte: Elaboração dos pesquisadores, 2024

3.7 Construção de dados

A geração de dados ocorreu entre os meses de março e abril de 2024. A cada convite, as participantes foram chamadas a refletirem sobre a importância da participação delas para este e futuros estudos e a possibilidades de desistência delas em qualquer etapa da geração dos dados. Algumas dessas mulheres foram abordadas e convidadas a participar do estudo durante o acolhimento inicial que é realizado pela assistente social (pesquisadora) e outras abordadas enquanto aguardavam na recepção do serviço seus filhos e/ou afetos, sendo atendidos por outras profissionais da equipe multidisciplinar.

Antes do início de cada entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (apêndice B) foi lido junto com a participante e perguntado a elas sobre possíveis dúvidas. Na ausência de dúvidas foi assinado em duas vias e entregue uma cópia a participante. Cada participante teve apenas um encontro com a pesquisadora para responder ao questionário fechado e gravar a entrevista respondendo uma pergunta orientadora, *Qual é sua*

rede de apoio pessoal proximal no território que você vive?

As entrevistas foram realizadas em sala individual, sem nenhuma interferência externa e com total sigilo. A duração de cada entrevista ocorreu entre 30 e 50 minutos aproximadamente. Todas que aceitaram o convite, entenderam a importância da pesquisa, não houve nenhuma desistência durante o processo de construção dos dados.

3.8 Procedimentos de tratamento e análise dos dados

Os dados gerados do questionário sociodemográfico foram sistematizados, tabulados, computados e organizados conforme as informações do roteiro das perguntas como: idade, gênero, estado civil, condições de moradia, escolaridade, emprego, renda, modalidade de transporte usado para o acesso ao serviço. Esses resultados são apresentados na seção resultados e discussões de forma descritiva em quadro.

As entrevistas foram gravadas usando o aplicativo de celular e sequencialmente transcritas na íntegra e tratadas, inspirados nas fases da análise temática proposta por Braun & Clarke (2006), método analítico usado na pesquisa qualitativa com objetivo de interpretar o conjunto de dados, gerados e/ou observados pela pesquisadora por meio de uma abordagem flexível. Os autores propõem seis fases de análise a saber:

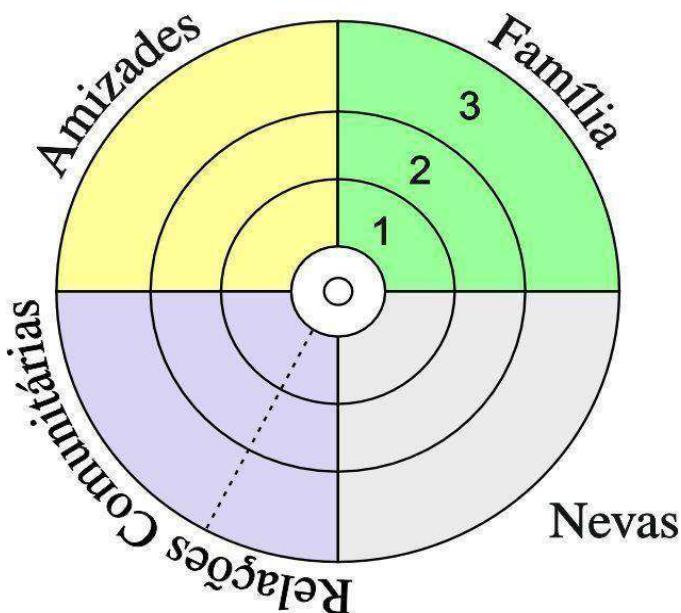
- 1) familiarizando-se com os dados, gerando códigos iniciais,
- 2) buscando por temas,
- 3) revisando temas,
- 4) definindo temas,
- 5) nomeando temas,
- 6) produzindo o relatório⁵

Dessa forma, a análise das entrevistas foi elaborada a partir das narrativas das próprias mulheres sobre sua rede significativa. Da leitura exaustiva das entrevistas, segui com os códigos iniciais, a saber: amizade, família, rede e relações comunitárias, seguindo o referencial proposto por Sluski (1997), acrescentei o NEVAS como ponto da rede e apresentadas em fragmentos das falas das entrevistadas.

A partir das respostas das entrevistadas foi possível para a pesquisadora construir um dado visual por meio do desenho do Mapa de Rede Pessoal Mínimo e Institucional (Figura 1) de cada Mulher/Flor, a fim de representar graficamente as redes de apoio das participantes.

⁵ As seis fases da análise temática proposta por Braun e Clarke (2006) visam identificar, codificar e analisar os temas de todo o conjunto de dados para encontrar padrões repetidos de significados: 1) familiarizando-se com seus dados; 2) gerando códigos iniciais; 3) buscando por temas; 4) revisando temas; 5) definindo e nomeando temas; e 6) produzindo o relatório.

Figura 1 - Modelo de Mapa Mínimo da Rede Pessoal Social, adaptado de C. Sluzki (1997)⁶.



Fonte: Elaboração dos pesquisadores, 2024.

A sociedade atual é caracterizada pelo intenso uso de dados visuais e marcada por uma cultura visual (Gomez, 2021 *apud*). O Método de Investigação Visual (MIV), de Rose (2016), propõe uma análise de imagens que podem ser criadas/produzidas pelo pesquisador ou pelo próprio sujeito participante da pesquisa. O dado visual acrescenta valor, dá sentido e espaço a novos elementos interpretativos.

Com as informações fornecidas pelas participantes sobre suas redes, foi possível identificar e descrever nas linhas numeradas (1, 2, 3) a existência ou ausência de rede no território aos quais elas pertencem. O Mapa Mínimo de Rede Pessoal Social pressupõe que, diante da imagem do mapa, marque os pontos (próximo, médio ou distante de si) e as linhas (contínua, tracejada, fina, grossa) como forma de qualificar essas relações. Neste estudo o mapa foi representado a partir de um círculo com quatro quadrantes a saber: amizades, famílias, relações

⁶ Linha 1, família e grupo participativo considerado próximo de si. Linha 2, as relações sociais com contato pessoal. Linha 3, as relações ocasionais e distantes.

afetivas e/ou comunitárias e um quadrante representando o local da pesquisa. Os vínculos foram representados nos quadrantes por cores e linhas. Os resultados serão apresentados em três dimensões, a saber:

- I. Perfil das participantes
- II. Redes pessoal social das Mulheres
- III. Potencialidades e fragilidades das redes

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados os resultados e as discussões provenientes do presente estudo, sendo que, primeiramente, serão demonstrados os dados do questionário sociodemográfico das participantes e, em seguida, as duas dimensões que emergiram dos processos de representação gráfica e de entrevista.

4.1 O perfil das participantes (o gênero, a cor, a renda, etc da vulnerabilidade)

Como exposto, participaram deste estudo 10 mulheres, mães biológicas e/ou afetivas, cujos filhos foram vítimas de violência sexual, e estes fazem acompanhamento no NEVAS. O Quadro 2 apresenta a caracterização das mulheres no que se refere à idade, cor, estado civil, número de filhos, grau de escolaridade, como faixa salarial e a existência ou não de vínculo empregatício, o nome do bairro habitado e as vulnerabilidades.

Destaco que foi adotado o codinome em “flores” escolhido por cada uma das participantes, a fim de preservar suas identidades.

Quadro 2 - Perfil das participantes. Uberaba- MG. 2024.

P	Mulheres/Flores	Idade	Cor	Est. Civil	Nº Fi.	Esc.	Salário	V. Emprego	Bairro
P1	Violeta	37	Parda	União	4	FI	Até 3	Sem	São Cristóvão
P2	Sácura	27	Parda	União	4	MI	Até 3	Sem	Colibri
P3	Vitória Régia	33	Parda	União	4	MI	Até 3	Sem	Oneida Mendes
P4	Rosa	31	Parda	União	3	SI	Até 3	Sem	Gameleira III
P5	Flor de Maio	43	Parda	Solteira	3	S	Até 3	Sem	Cidade Nova
P6	Girassol	61	Preta	União	1	FI	Até 3	Sem	Est. Unidos
P7	Orquídea	55	Parda	União	3	FI	Até 3	Sem	Chica Ferreira
P8	Margarida	49	Branca	Separada	1	SI	Até 7	C. vínculo	Guanabara
P9	Dália	37	Branca	Solteira	3	FI	Até 3	Sem	S. Cristovão
P10	Ipê	35	Branca	União	2	G	Até 3	Sem	S. Benedito

Fonte: Elaboração dos pesquisadores, 2024.

As Mulheres/Flores participantes do estudo tinham idades diversas, a mais jovem 27 anos, a mais velha 61 anos. Na pergunta sobre o estado civil, 70% das mulheres declararam viver em União Estável, 20% delas solteiras e 10% separadas. A maioria das mulheres, ou seja, 90% declararam possuir ocupação em diversas modalidades de trabalho com ou sem carteira assinadas; sendo 20% delas Cozinheiras, 10% Agente Comunitária de Saúde, 10% Artesã, 10% *Social Mídia*, 10% Professora de Educação Básica, 10% Atendente Comercial, 10% Vigilante, 10% Cabeleireira e 10% Desempregada.

Dentre as 10 entrevistadas, 80% delas eram negras, destas 10% se autodeclararam⁷ pretas, 60% autodeclararam pardas, e 20% brancas. No universo das mulheres que se autodeclararam pardas elas possuem em comum; união estável, baixa escolaridade, recebem até três salários mínimos, recebem o Bolsa Família e vendem sua força de trabalho sem carteira assinada, ou seja, nenhuma seguridade social. Nenhuma das mulheres brancas recebiam o Bolsa Família.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a população negra é representada por pessoas pretas e pardas. Vale ressaltar que a diferença da cor da pele no convívio social e familiar pode ser acompanhada de violências explícitas, veladas e letais pelo grupo populacional negro. Por isso, nem sempre esses sujeitos se reconhecem ou assumem sua cor ou etnia (Carneiro, 2020), pautando a definição de suas identidades na cultura do embranquecimento.

Em relação à escolarização das mulheres, o quadro aponta que 40% das entrevistadas possuíam o Ensino Fundamental incompleto, 20% delas o Ensino Médio incompleto, 10% Ensino Médio completo, 20% com Ensino Superior incompleto e somente 10% delas concluíram o ensino superior. O fator renda aponta que 90% dessas mulheres ganham entre um e três salários mínimos, dentre elas 90% não possuem vínculos empregatícios, ou seja, não possuem as carteiras assinadas e nenhuma seguridade social ou previdenciária, e 10% delas contam com suas carteiras assinaladas e alguma seguridade. Somente 10% das entrevistadas recebem entre quatro a dez salários mínimos e possuem vínculos empregatícios.

Entre as entrevistadas, 50% delas possuem casa própria, 40% moram em casas alugadas e 10% vivem em casas cedidas. Quando perguntamos a elas, quais recebiam algum Benefício de Transferência de Renda do Governo Federal, como o Bolsa Família (BF)⁸ soubemos que 50% delas recebiam o BF e as demais não recebiam nenhum benefício.

⁷ A autodeclaração é um processo subjetivo, onde o indivíduo se identifica como pertencente a um grupo racial ou étnico. No contexto brasileiro, essa prática é frequentemente utilizada em relação à população negra (Brasil, 2010).

⁸

Programa Bolsa Família; Programa do Governo Federal, instituído pela LOAS- Lei Orgânica da Assistência Social Nº. 8742 de dezembro de 1993.

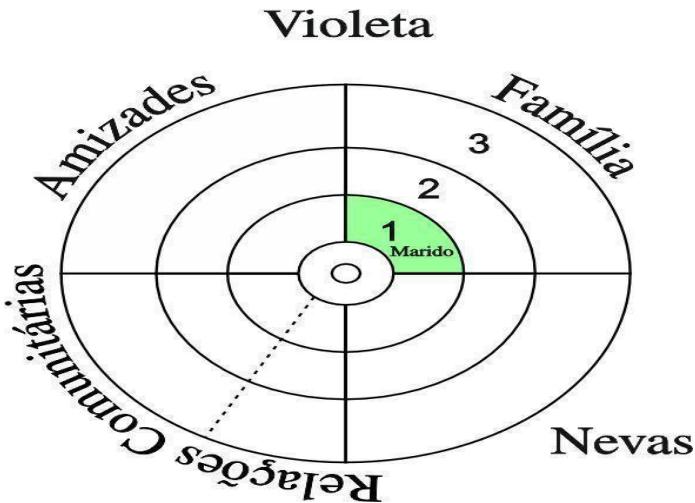
Ao perguntar sobre as crenças das mulheres, 30% declararam não possuir nenhuma religiosidade, 20% disseram serem espíritas, 20% católicas e 30% declararam serem evangélicas. Na categoria rede, as respostas delas apontam que suas redes estão em 50% delas dentro da família, 20% família e/ou o vizinho, 20% apontaram somente o marido e 10% delas disseram não possuir rede.

4.2 Redes Sociais Pessoais (tecendo o cuidado cotidiano com linhas fragilizadas)

Esta temática demonstra as percepções trazidas por cada participante em relação à existência e proximidade de rede pessoal social vivenciadas por elas. As redes foram representadas por meio do processo de Elucidação Gráfica, além dos desdobramentos no processo das entrevistas, a partir da pergunta disparadora: *qual é sua rede de apoio pessoal proximal no território que você vive, apontando quais os equipamentos sociais, de saúde e/ou lazer você acessa em sua rotina cotidiana?*

As representações das redes das participantes estão explícitas nos Mapas de Rede Social Pessoal abaixo, na Figura 2:

Figura 2- Mapas de Rede Social Pessoal das Participantes



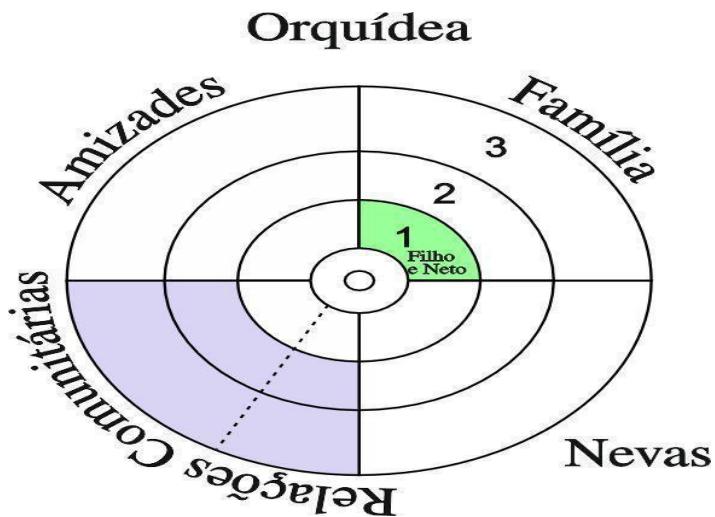
4.2.1 Amizades: ausentes ou não reconhecidas

A técnica da Elucidação Gráfica foi produzida pela pesquisadora a partir das narrativas de existência ou, não, de amizade na rede de cada uma. Destaca-se que as 10 mulheres participantes desta pesquisa trouxeram elementos para a proposta, sendo que utilizou representações a partir dos mapas e das falas ilustrativas.

No universo das participantes, Violeta, Orquídea, Girassol, Flor-de-Maio, Sácura e Vitória Régia revelaram não possuir amigos. Rosa apontou como amigo a Família. Margarida e Ipê trouxeram a representação de amizade de uma vizinha. Ipê elege o esposo como amigo. Dália nomeia amigos, pessoas da mesma igreja que frequenta e um comadre. Os fragmentos abaixo demonstram esse universo reduzido:

“Não tenho com quem contar aqui em Uberaba, todos meus familiares estão fora...meus amigos são os irmãos da igreja e meu marido só ele mesmo.” (Violeta, 2024).

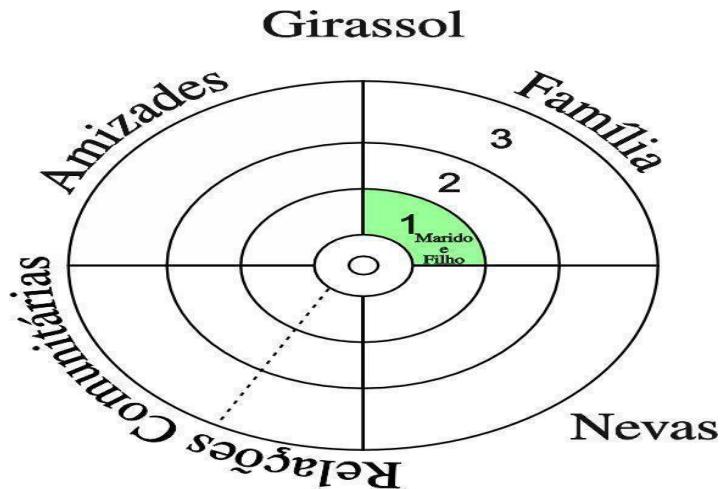
Amizade e confiança são relações estabelecidas em diferentes segmentos da rede do indivíduo: família, trabalho, igrejas e escolas (Pereira, 2009). As entrevistadas apontaram que o elemento amizade é um elo forte presente somente na convivência intrafamiliar. Elas relataram que as amizades extrafamiliares são distantes e/ou inexistentes. Considerando as relações existentes intra e/ou extrafamiliares, a amizade é uma tessitura e interação social em que as pessoas envolvidas na relação as percebem como significativas (Sluzki, 1997).



Orquídea se autodeclarou preta, é a participante com mais idade, teve três filhos do mesmo companheiro, os quais são casados, ou já saíram do ninho materno. Ela é a avó cuidadora, sua fala nos leva a refletir sobre o papel que as avós têm desempenhado nas famílias na atualidade, o lugar em que elas são chamadas a ocupar, de cuidados. Quando ouvida na entrevista, percebo que ela centraliza esse cuidado em um viés de cooperação com o filho e a nora, afirmando a necessidade em “*ter*” que ajudá-los, tomando para si o apoio ao grupo.

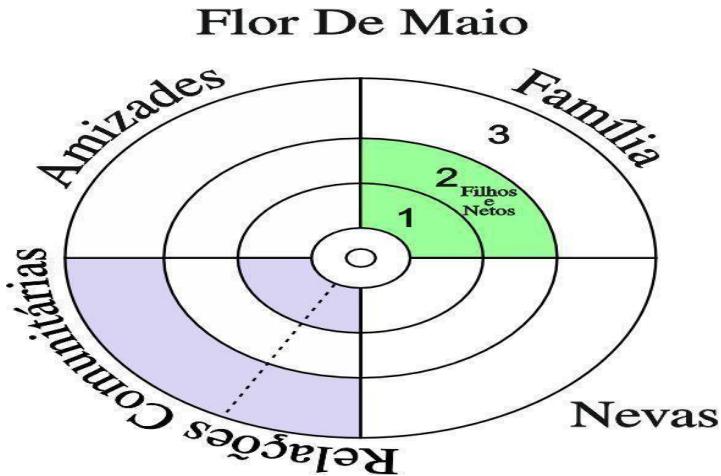
“eu que sou o apoio para o cuidado com meu filho/neto, sua mãe trabalha muito... preciso ajudar”. (Orquídea, 2024).

O cuidado que Orquídea oferece é transgeracional. É notável que ele possibilita a organização financeira do filho e da nora e proporciona ao neto o acesso aos cuidados em saúde.



“Como eu disse... mas a pessoa que eu maisuento é com meu esposo, ele é um ótimo marido, muito atencioso e cuidadoso e um excelente pai também” (Girassol, 2024).

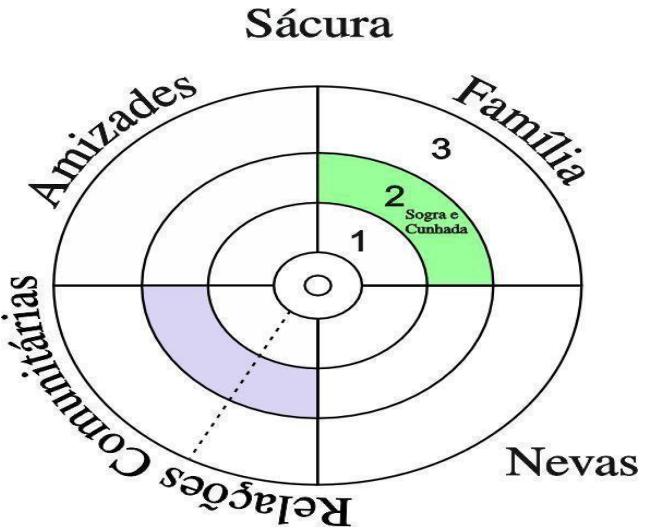
Um achado da pesquisa no cenário apresentado por Girassol foi o não pertencimento do território vivencial. Ela não estabeleceu laços de afetividades com os serviços, equipamentos e/ou Organização da Sociedade Civil - OSC de seu entorno. O estudo sobre redes de apoio social de Rocha & Galeli (2020) aponta que a ausência de rede social, e consequentemente, de apoio, pode funcionar como aspecto mantenedor da situação da violência.



“Não tenho nenhuma rede” (Flor de Maio, 2024).

A ausência dessa rede social fragmenta a construção de outros vínculos e a tessitura de afetação propostos por Sluzki (1997). Para o mesmo autor, existe uma solidão das populações e uma correlação entre a qualidade de vida e a qualidade de sua rede social. Nesse sentido, a amizade desempenha um papel crucial na vida das pessoas, além de ser um indicador de confiança e apoio mútuo.

A rede social das mulheres participantes do estudo apresenta poucas conexões de afetos e solidariedades. A impossibilidade de apoio de pessoas ao entorno, diante das adversidades cotidiana, fragiliza o enfrentamento de situações de violência. Um estudo de Dutra (2013) com enfoque nos vínculos e trocas entre os atores, aponta que esta conexão amplia o conhecimento sobre a dinâmica relacional na situação de violência e abre possibilidades de interações de sujeitos e os serviços que as acolhem.



“...estou morando lá há um ano, sou de fora...no bairro eu tenho minha sogra e minha cunhada só.[...]só para uma emergência, em outro bairro eu tenho, meu pai e minha irmã.[amigos...]não dá pra contar pra contar como ajuda”. (Sácura, 2024).

Sácura aponta a sogra e a cunhada como conviventes emergentes e não como rede, sem afetação ou vínculos. Para (Sabino, 2024), o apoio social possui um efeito de bem-estar e de saúde para os indivíduos. Entende-se que a existência ou a ausência dessa rede social, pode determinar quais são os pontos de ancoragem e de fragilidade que esses indivíduos vivenciam em seu cotidiano (Rocha, 2019).



“não, eu não tenho ninguém com quem eu possa contar. É muito difícil eu confiar nas pessoas hoje em dia, eu prefiro ficar sozinha. minha família é meus filhos....o mais velho tem 15 anos, estuda à noite e já tem responsabilidades, ele é o único familiar que posso contar”. (Vitória Régia, 2024).

O perfil familiar de Vitória Régia é monoparental feminina. Esse arranjo familiar foi reconhecido pela Constituição Federal (Brasil, 1988) como entidade familiar. Nesse perfil familiar a mulher acumula a função de provedora financeira e de cuidadora afetiva (Acosta, 2008).

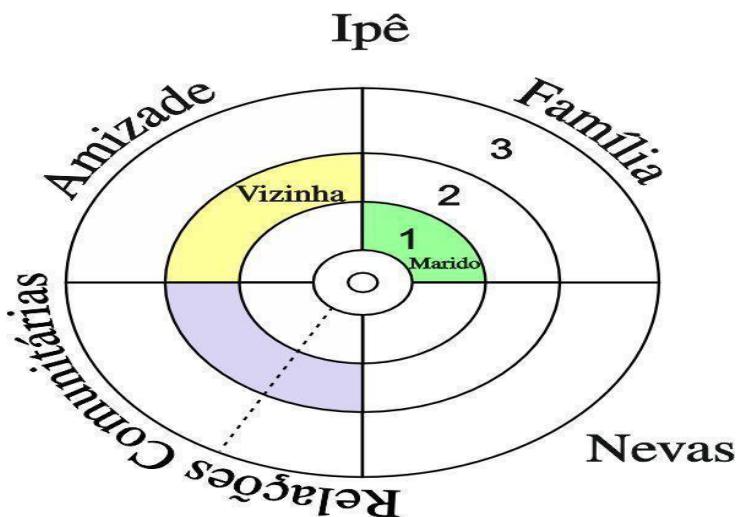
“não, eu não tenho ninguém com quem eu possa contar. É muito difícil eu confiar nas pessoas hoje em dia, por isso, eu prefiro ficar sozinha”. (Vitória Régia, 2024).

Na entrevista, Vitória Régia e Dália declararam viver distanciadas da parentela e não possuírem rede de solidariedade. As mulheres flores participantes deste estudo, fazem parte de um modo vivencial que (Rodrigues, 2021) nomeia como Modernidade Líquida, conexões que tendem a ser instáveis e com tempo limitado. Essa liquidez conduz as relações sociais nos dias atuais, na qual (Bauman, 2001) nomeia como

fluidos se movem facilmente, escorrem, esvaem-se...vazam, inundam, pigam, borram, são filtrados, destilados; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos - contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho” (Bauman, 2001, p.08).

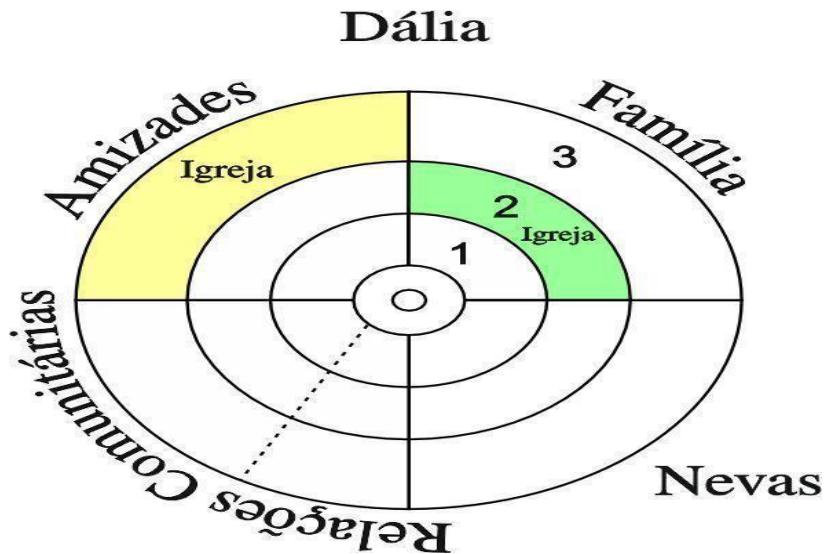
4.2.2 Família

Os achados dessa pesquisa indicaram que Girassol, Violeta e Ipê possuem como referência familiar o marido. Margarida, Orquídea, Rosa, Dália e Flor de Maio não referenciaram nenhum membro familiar. Sácura apresentou a sogra e a cunhada como família. Vitória Régia apresentou como família os filhos. Os fragmentos abaixo mostram esses vínculos familiares:



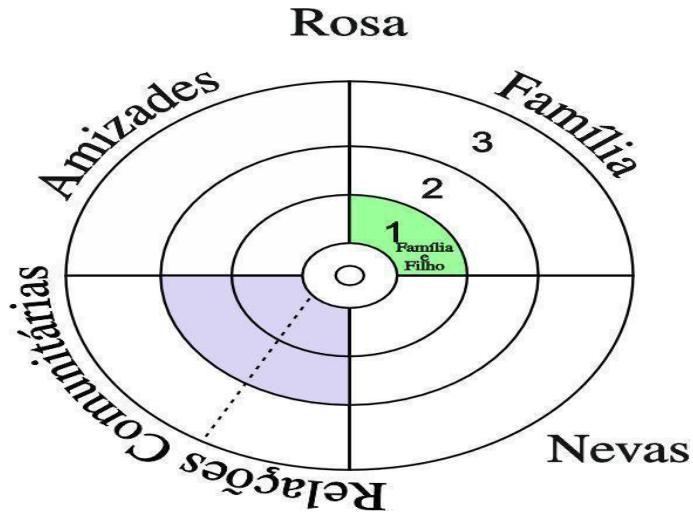
As famílias são enredadas nas políticas públicas, especialmente, na política de assistência social, como ocupantes de um lugar de centralidade e extrema importância (Acosta, 2008). Essa centralidade se pauta no (re)conhecimento com foco na proteção, cuidado, sustento, educação, socialização entre os integrantes, apoio a dificuldades e vivências (Pereira, 2006; Silva, 2022).

Cada família constrói sua própria história, ou seu próprio mito [...] que expressam significado e explicação da realidade vivida, com base nos elementos objetivos e subjetivos acessíveis aos indivíduos na sociedade ou cultura em que vivem (Acosta, 2008, p. 27).



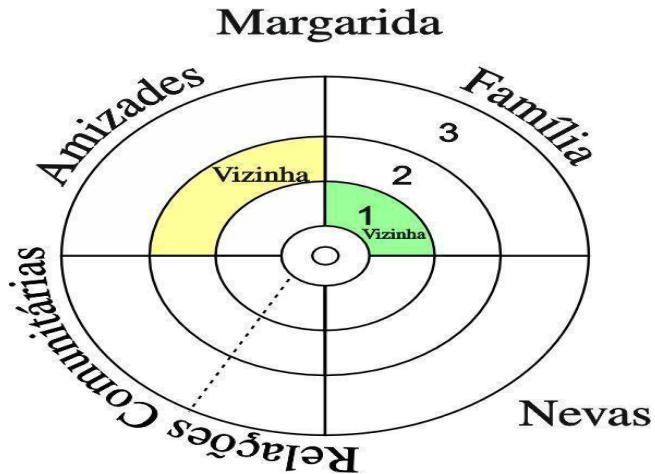
"Eu moro há pouco tempo na cidade, só tenho amigos na igreja, só posso contar com um compadre. (Dália, 2024).

Para Dália, a igreja desempenha um papel significativo como um equipamento social. É nessa instituição que ela reconhece a existência de amigos e/ou pessoas que poderá contar com o apoio caso precise. A igreja tem o papel social de possibilitar ações e atividades de interesse da sociedade, em parceria com outras instituições (Souza, 2023).



“Não, não tenho com quem contar aqui em Uberaba, todos meus familiares estão fora. Em uma emergência... só meu marido, só ele mesmo. (Rosa, 2024).

É possível inferir que as famílias, representadas por mulheres nesta pesquisa, pertencem a um coletivo de pessoas que estão em condições vulneráveis frente a violência sexual sofrida por seus filhos e/ou afetos. A violência sexual é um fenômeno complexo crescente cujas ocorrências incluem outras formas de violência como psicológica, física, negligências dentre outras (Sanches *et al.*, 2019). Os fragmentos das falas das participantes abaixo exemplificam essas condições:



Margarida é uma mulher branca, mãe solo com uma filha, única participante com curso superior. Atua em sua área de formação, possui dois empregos e renda de até 07 salários mínimos, não possuindo vulnerabilidade financeira. Mãe e filha vivem tal como estivessem ilhadas em um condomínio fechado, rodeada por inúmeras famílias que se conhecem, desfrutam dos mesmos ambientes, equipamentos e serviços disponíveis na estrutura física e ambiental, mas não se conectam.

"eu não tenho ninguém para dizer a verdade, tenho apenas uma vizinha que cuida de sua mãe com Alzheimer às vezes ela me socorre. Isso é uma emergência extrema eu incomodar ela, no mais é só eu". (Margarida, 2024).

Nas entrevistas, ficou evidente que, para essas mulheres, o reconhecimento das relações de amizade pauta-se naquele contato pessoal, mas sem intimidades, denominadas: amizades sociais, que estão representadas dentro do círculo intermediário (Sluzki, 1979; Stenmetz, 1988).

4.3 NEVAS: potencialidades e fragilidades das redes das mulheres em acompanhamento dos filhos ou afetos

Quando perguntamos às entrevistadas qual a distância percorrida e o tempo gasto no trajeto entre suas casas e o NEVAS, para acompanhar as crianças/adolescentes nos atendimentos, ou seja, o grau de proximidade/distanciamento, as mulheres relataram a distância em quilômetros e o tempo gasto em horas quando usavam transporte ou não. Este dado está apresentado no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 - Distância percorrida pelas participantes para acessar os atendimentos. 2024.

Participantes	Bairro	Distância KM	Tempo/Minutos (automóvel)	Tempo/Minutos (automóvel)	Tempo/ horas a pé
Dália	São Cristóvão	5,5 km	15 minutos	70 minutos	01:10m
Violeta	De Lourdes	7,3 km	18 minutos	90 minutos	01:30m
Ipê	São Benedito	4,2 km	12 minutos	55 minutos	01h
Rosa	Gameleira III	10,8 km	25 minutos	140 minutos	2:20m
Girassol	Estados Unidos	3,5 km	10 minutos	45 minutos	45m
Margarida	Guanabara	6,7 km	17 minutos	85 minutos	01:25m
Orquídea	Chica Ferreira	8,2 km	20 minutos	105 minutos	01:45m
Sácura	Colibri	9,5 km	22 minutos	120 minutos	02h
Flor de Maio	Cidade Nova	12,3 km	28 minutos	155 minutos	02:35m
Vitória Régia	Oneida Mendes	11,7 km	27 minutos	150 minutos	02:30m ⁹

Fonte: Elaboração dos pesquisadores, 2024.

O meio de transporte usado pelas entrevistadas para levarem as crianças e os adolescentes para os atendimentos são: 40% delas possuem carro próprio, 20% usam ônibus coletivos e/ou transporte por aplicativo, 10% usam somente transporte por aplicativo, 10% possuem motos, 10% vão de carona de terceiros e 10% somente a pé.

Ao observar a distância geográfica percorrida pelas participantes da pesquisa, entre seus bairros até o NEVAS, percebeci que Girassol é a mulher/mãe que mora mais próximo da Unidade (3.5 km) ela gastaria aproximadamente 45 minutos de caminhada a pé, e 10 minutos de carro, por isso, ela relata que às vezes consegue fazer o trajeto caminhando. As demais entrevistadas moram em bairros mais distantes que variam entre 4,2 a 12,3 km que impossibilita transitar caminhando. Considerando a idade das mulheres e do seu(s) filho(s) e/ou a capacidade destes em acompanhá-la.

“Eu não moro muito longe, mas não é um perto que não dá para eu vir a pé, dependo de transporte, e esse gasto não estava no meu orçamento... pesa”. (Vitória Régia, 2024).

“é minha casa fica bem distante daqui, eu dependo de ônibus ou carona de terceiros para conseguir vir aos atendimentos do Nevas”. (Rosa, 2024).

⁹ Este quadro foi criado a partir das respostas do questionário sociodemográfico respondido pelas participantes da pesquisa.

“Minha casa é próxima daqui, na maioria das vezes venho a pé”. (Flor de Maio, 2024).

Observei que nenhuma das participantes do estudo apontaram ou reconheceram o NEVAS, como um equipamento da rede de cuidados em saúde, conforme a figura 2. Essa negação remete a várias reflexões: não citaram por vergonha? Tabu? Ou simplesmente negação dos fatos de violência?

No acolhimento cotidiano dessas mulheres, surgem alguns fatos ou acontecimentos que movimentam a minha escuta em saúde. Essa escuta traz o compartilhamento de dores e de sofrimento vivenciado por cada uma delas nos nossos encontros. Muitas vezes a violência ocorrida com o filho/afeto cruza com a experiência vivida por essa mulher na sua infância ou adolescência.

Lembrando a nossa escritora negra Cida Bento (2022, pg. 39) “A perpetuação da violência ocorre por meio de um pacto implícito de silêncio”. Sobretudo as violências direcionadas às pessoas negras. Por isso, por hipótese, a vergonha e negação são latentes. Visto que as participantes da pesquisa, em sua maioria, são mulheres negras apontar o NEVAS como mais um equipamento de saúde é afirmar sua condição de vítima em cuidado.

A escuta em movimento busca uma prática não violenta em saúde, que possibilita ao profissional compreender sua atuação, como exposto por Rodrigues (2024). Para a autora, essa escuta oportuniza aos sujeitos ampliar suas possibilidades de vida, autonomia e de relação com seu território de existência. Durante a entrevista, o silêncio das mulheres foi respeitado.

4.3.1 Relações Comunitárias: vivências no chão do território

Os dados trazidos pelas participantes desta pesquisa contribuem com a perspectiva de compreender suas redes, o que é significativo no cotidiano delas e com tudo que impacta a vida de cada uma delas. Observei que não é somente as crianças/adolescentes vítimas, que se encontram com os direitos violados; a cuidadora está envolta em fragilidades que podem refletir nos vínculos afetivos, sociais e/ou comunitários.

Dália e Violeta são territorializadas no bairro São Cristóvão, este é considerado uma área residencial com boa infraestrutura, com diversas opções de casas e condomínios, e está localizado próximo a importantes vias de acesso da cidade. O bairro possui uma Unidade Regional de Saúde-URS, uma quadra coberta de fácil acesso dos moradores, ONGs e um centro espírita. Relações comunitárias são as relações compreendidas como primárias, estabelecidas na vivência cotidiana de pessoas em um determinado território (Brandão, 2022).

O território se forma a partir do espaço e é o resultado de uma ação conduzida por um ator, conforme Raffestin(1993),

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço (Raffestin, 1993, p. 143).

O conceito de território é político e cultural, pois é delimitado por e a partir das relações de poder. Porém, este poder não é só do Estado e não se confunde com violência e dominação (Souza, 2001). Este autor contribui de forma a pensar o conceito de território como múltiplas formas e funções e valoriza as mudanças que o poder provoca no território. Assim é possível ter vários territórios por exemplo: o território da prostituição, o território do narcotráfico e, ainda, no mesmo território haver várias funções como turismo, lazer, comércio, residência, instituições religiosas e educacionais, Organização Não Governamental - Ongs, equipamentos de saúde ou não.

O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa de outros, pela seleção de localização feita entre atividades entre as pessoas, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais e comunitárias, o espaço evolui pelo movimento da sociedade total (Santos, 1978).

Dos equipamentos públicos citados pelas entrevistadas, em sua maioria aparecem os Centros de Referências em Assistência Social (CRAS) do Sistema Único da Assistência Social (SUAS) que oferecem assistência social às famílias em situação de vulnerabilidade Social. Nos CRAS é realizada a inscrição/atualização no Cadastro Único do Governo Federal para pleitear benefícios de transferência de renda como Benefício de Prestação Continuada (BPC), Bolsa Família (BF), Bolsa de Alimentos, dentre outros.

Sácura é mais uma mulher parda, com ensino fundamental incompleto, quatro filhos de relacionamentos diferentes, beneficiária do BF e executa atividades eventuais para complementar a renda do núcleo familiar, vive em União Estável. Ela não se sente pertencente à rede de proteção e cuidado, porque é nova na cidade e mora em um bairro de planejamento recente.

Nas relações comunitárias de Violeta e Flor-de-Maio apontaram que o território ao qual pertencem oferece riscos como o uso e tráfico de substâncias psicoativas, que geram violências e muitas vulnerabilidades. Assim, diante do risco sentido, Violeta sente-se inibida de usufruir dos espaços públicos. Violeta é moradora do São Cristovão, este é um dos bairros de Uberaba em que sua história remonta aos primórdios de ocupação de área de uma antiga fazenda. Desde sua origem não houve planejamento no arruamento e de equipamentos públicos.

Flor-de-Maio diz não gostar do bairro que mora, não se sente segura no território para acessar os serviços ou as ações oferecidas. O bairro citado por Flor-de-Maio é mora no Cidade Nova, o nome já indica ampliação da cidade, ou seja um bairro novo, planejado em espaço que era utilizado para atividades agrícolas que a partir do crescimento populacional, veio a necessidade de criar novo espaço habitacional.

“É.... não gosto daquele bairro...lá tem muitos “malas” tem praças, mas...então lá eu não me sinto segura para levar meus filhos”. (Flor- de-Maio 2024).

“Moro no bairro que tem bastante usuário de drogas, eles ocupam as pracinhas... não posso levar meus filhos lá...para distração de esporte tenho que me deslocar do meu bairro para outro”.(Violeta, 2024).

Margarida e Vitória Régia negaram a existência de relações com a comunidade em que vivem. Margarida mora no bairro Guanabara, ele faz parte da zona sul da cidade e é conhecido por seus loteamentos fechados e condomínios de alto padrão. Vitória Régia mora no bairro Oneida Mendes, este bairro é relativamente novo, planejado para famílias beneficiárias de Programas de Transferências de Renda do Governo Federal.

Sácura tem convivência nos espaços públicos e cita a exemplo uma feirinha. Girassol, Orquídea, Rosa, apontam os equipamentos no território a exemplo: praça e CRAS, além de perceber os equipamentos no território, elas mensuram a importância deles e utilizam os serviços/ações. Oquídea mora no bairro Chica Ferreira, este bairro não foi planejado, ele se formou a partir de pequenos loteamentos de chácaras.

Essa dinâmica de relação ou de não-relação com o território foi exposta no estudo de Silva (2022), o qual reafirma a importância desses equipamentos no território como ação intersetorial da política pública que se comunica e articula ações e planejamentos para o atendimento às famílias. Ipê não conhece o território em que vive, por isso, não aponta a existência de equipamentos/serviços. Rosa habita no bairro Gameleira III, a história do bairro conta que ele foi planejado para famílias que viviam em área de riscos da cidade e precisaram ser realocadas.

*“.. meus outros filhos frequentam no meu bairro um projeto chamado “Meninas e Meninos”, lá tem **cursos** e... [é uma Ong?] acho que sim. Eles apoiam muito as famílias. Geralmente têm reforço escolar; [são cursos no contra turno escolar?] isso. E nas sextas feiras é dia de lazer, aí tem jogos, brincadeiras, piscinas e jornadas. Inclusive meu filho tem sete anos, aprendeu a nadar lá. Tem um CRAS que não fica muito próximo, e às vezes tem cursos de cabeleireiro, corte de costura e agora está construindo uma associação de bairro, coisa que não tinha antes e ele oferta orientações de trabalho e uma galinhada a cada 15 dias. (Rosa, 2024).*

Rosa percebe a dinâmica do território e acessa os diversos equipamentos existentes. Margarida é nossa flor territorializada em uma relação de organização e poder financeiro diferenciada das demais, sendo moradora de um condomínio fechado. No seu território a igreja desempenha um papel social importante e oferece possibilidades de ações e atividades de interesse daquela comunidade, em parceria com outras instituições, sejam elas em espaços escolares ou não, corroborando com as políticas públicas destinadas à formação do indivíduo com o propósito de atenuar as desigualdades sociais. Um recorte delimitado para um quantitativo de pessoas.

Apesar da semelhança, dados apontados pelas participantes indicam uma percepção de que a realidade vivenciada no contexto da violência dos filhos/afetos é repleta de confrontamentos, que são atravessados por subjetividades, permeado de religião, cultura, costumes, percepções, pertenças e preconceitos. Conforme pesquisa feita por (Colaço, 2023)

na cidade da Paraíba, sobre mulheres em situação de violência, concluiu que problematizar a violência contra as mulheres é reconhecer a violência como uma questão coletiva, social e estrutural.

Referente ao conceito de Redes Proximal e Institucional proposto por Sluski (1997) percebi que os quadrantes do Mapa de Rede Mínimo, o qual sinalizava a proximidade ou não de afetação e vínculo de amizade e de família, as informações apresentadas não dialogam com o conceito de Rede proposto. Nos discursos da maioria das entrevistadas aparecem as fragilidades, a negação ou a ausência de uma REDE. Visando dar visibilidade às percepções encontradas, seguem abaixo os fragmentos relacionados às falas das participantes em que a fragilidade e a ausência das Redes estavam em maior evidência.

“Meu bairro é bom no aspecto comercial, ele é bem localizado. Comércio nós temos de tudo; supermercado, farmácia, posto de saúde, já no aspecto de entretenimento nós não temos porquê...nossas praças não são bem frequentada”.(Flor de Maio,2024).

“A escola que eu coloquei é perto, o posto de saúde é perto, tenho farmácia por perto. [...] A praça é um pouco longe, mas não tão longe dá para ele ter um momento de lazer”.(Girassol,2024).

Percebi que algumas das participantes não se sentem pertencentes ao espaço/território. O território pode ser apreendido em múltiplas formas e funções. Souza (2001) mostra a possibilidade de muitos territórios, podendo ser considerados como limitadores, como citado por Ipê e Violeta; ou podem ser acolhedores, conforme demonstrado nos relatos de Rosa que consegue acessar o que o território oferece, que mantém na vida cotidiana uma relação social e comunitária.

O Território refere-se à apropriação que as pessoas fazem do espaço físico e dos significados a ele atribuídos (Lima, 2016). O medo influencia no modo como essas mulheres usufruem dos espaços coletivos que poderiam ser de construção de vínculos afetivos, ou lazer para toda família.

As mulheres aqui elencadas são em sua maioria mulheres negras, que possuem particularidades relacionais afetivas, diferenciadas de mulheres brancas (Ribeiro, 2020). Em função de sua negritude e dos mitos históricos da sociedade racista e machista em torno das sexualidades, ditas “mulheres quentes”, elas vivenciam a violência emocional e duvidam da sua capacidade de serem amadas. Assim, a vida da mulher negra é atravessada de solidão e desconfianças nas relações amorosas (Ribeiro, 2020). Em função destes atravessamentos, ela cria para si um papel social.

Uma das características observadas em 90% das mulheres entrevistadas foi a organização grupal, ou seja, uma rede pequena com predomínio nos membros que vivem sob o mesmo teto, criando estratégias complexas para sobreviver. Assim, estão distanciadas das redes de sociabilidade e solidariedade. Conforme afirma Sanícola (2015), a função da rede é percebida de diversas formas a depender do apoio recebido pelos indivíduos.

As funções desempenhadas pela rede social podem ser as mais diversificadas, tais como as de caráter material/doméstico (alimentação, vestuário, ajuda doméstica) e psicológico (sentimento de segurança, pertença e reconhecimento (Sanicola, 2015, p. 51).

Nesse sentido, conhecer o tamanho, a densidade, os vínculos estabelecidos, ou não, dessas mulheres com as pessoas de sua rede social significativa, contribui para a compreensão de como as redes podem interferir e/ou auxiliar no cuidado em saúde, na convivência social e na qualidade de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como questão orientadora “Quais são as redes sociais existentes para as mulheres trabalhadoras que acompanham crianças e adolescentes que foram vítimas de violência sexual?” e objetivou descortinar as redes sociais proximais e institucionais de mulheres trabalhadoras cujas crianças e adolescentes, sob sua responsabilidade, foram vítimas de violência sexual e frequentam o Núcleo Especializado no Atendimento de Crianças/Adolescentes Vítima de Agressão Sexual (NEVAS), em Uberaba-MG.

Do ponto de vista metodológico, acredita-se que a incorporação do tema rede social proximal na atividade de pesquisa no campo das metodologias qualitativas, permitiu potencializar a análise das redes e suas interações pelas mulheres-flores participantes do estudo. É importante salientar que neste estudo as participantes citaram as redes pessoais sociais e proximais existentes ou não, a partir de suas perspectivas. As 10 mulheres que se dispuseram a participar do estudo aceitaram o desafio de revisitar experiências dolorosas que desejam esquecer relacionadas a experiências de violência sexual

Foi possível observar que as mulheres pesquisadas têm perspectivas ambíguas para identificar suas redes proximais. Em alguns relatos, elas apontaram a figura do esposo como amigo e família, o que mostrou redes reduzidas.

Em relação às redes institucionais, quando existentes, estas não articulam a proteção e o cuidado. Percebi que elas desconhecem a rede, os equipamentos e serviços que por vezes são ofertados no território em que vivem. Esse fato foi apontado no questionário socioeconômico e questões abertas respondidas por elas.

Os dados mostraram também uma realidade precarizada vivenciada pelas famílias nos contextos social, racial, educacional, financeiro, afetivo e de pertencimento. A maioria das entrevistadas que trabalham, ou seja, 90% delas exercem atividades das quais não há qualificação específica e percebem entre um e três salários mínimos. Ficou evidente que 70% das entrevistadas se autodeclararam pretas e pardas e possuem baixa escolarização que varia entre o ensino fundamental incompleto e o ensino médio incompleto.

Ficou evidente que essas mulheres pertencem a uma organização de trabalho onde a produção é cada vez mais flexibilizada e precarizada; apontou que mulheres com baixa escolaridade, são as que mais estão sucumbindo à relação precária de trabalho, quando conseguem emprego.

Muitas das participantes estão na condição de mulheres chefe de família, na qual acumulam as funções de provedoras e cuidadoras. É possível refletir que o acúmulo de papéis desempenhados e as dificuldades enfrentadas por elas desencadeiam uniões instáveis, vulnerabilizadas e empregos incertos sem nenhuma seguridade social e/ou previdenciária. Outro fator observado que influencia no cuidado não é só a distância geográfica que compromete o acesso, é também a ausência de transporte público eficiente entre os bairros que as participantes da pesquisa residem e os equipamentos e serviços que compõem a rede.

A pesquisa possibilitou refletir que um fator prejudicial para essas mulheres tem sido a precariedade das relações de trabalho em que a instabilidade e a incerteza têm sido suas marcas. Situação que provoca mudanças constantes de trabalho de casa e de bairro. Mudanças que impossibilitam a construção de afetos com a rede territorial de serviços públicos ou da sociedade civil e fragilizam as pré-existentes.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Faller. **Família: redes, laços e políticas públicas.** 4^a ed. São Paulo: Cenpec, s.d. 323p.

BENTO, Cida. Pacto Narcísico. In _____. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 11-25.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Disponível em:https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 19 nov. 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. Disponível em:<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/uberaba.html>. Acesso em: 12 de jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em:https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3ed.pdf. Acesso em: 20 nov. 2022.

BRASIL, A Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora. Portaria GM/MS nº 1.823/ 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svsa/saude-do-trabalhador/pnst>. Acesso em: 20 mar. 2025.

BRAUN, V. and Clarke, V. 9 (2006) Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3 (2). pp. 77-101. ISSN 1478-0887 Available from: <http://eprints.uwe.ac.uk/11735> <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 12 nov. 2024.

BRANDÃO, Marcela Ferreira, **A política nacional de assistência social como promotora da garantia do direito à convivência familiar e comunitária de crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica.** 2022. Disponível em: <https://bdm.unb.br//handle/10483/32664>. Acesso em: 10 abr. 2024.

COLAÇO, Elizabete Oliveira. **Mulheres em Situação de violência: fenômeno, temporalidade, historicidade e operacionalidade da rede de proteção.** Mestrado em Saúde Pública – Universidade Estadual de Paraíba, Campina Grande, 2024. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede5054>. Acesso em: abr. 2024.

CAMPOS, M. 5. MIOTO, R.C. T. **Política de Assistência Social e a posição da família na política social brasileira.** Ser Social, 12, p. 165-190. Brasília: UNB, jan-jun 2003.

COSTA, Wilson Dias Da.; LIMA, Clara Correa.; BRANDÃO, Amanda Teixeira.; MESQUITA, Gabrielle Silva. **Impactos da pandemia de coronavírus em um Caps Infanto Juvenil do Distrito Federal. Health Residencies Journal - HRJ, /S. I,J**, v. 1, n. 1, p. 1–20, 2020. Disponível em: <https://escsresidencias.emnuvens.com.br/hrj/article/view/19>. Acesso

em: 26 de nov. 2022.

CLARK, Victoria, BRAUN, Virginia.; HAYFIELD, Nikki. **Análise temática**. Um guia prático para métodos de pesquisa. Rio de Janeiro: Vozes, 2019, p. 295-327.

DELGADO, Pedro Gabriel. **Cidadania e loucura: política de saúde mental no Brasil**. Rio de Janeiro:6 ed. vozes, 2001.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Armed, 2006, 432p.

DUTRA, M. DE. L. et al. **A configuração da rede social de mulheres em situação de violência doméstica**. Ciência & Saúde Coletiva, v.18, n. 5, p. 1293-1304, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000500014>. Acesso em: 03 jan.2022.

KRISTENSEN, Christian Haag. et. al. **Fatores etiológicos da agressão física**: uma revisão teórica. estudo. psicol., v. 8, n. 1, p. 175-184. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/WWySXTh5dPchLKTNQhHgMDD/?lang=pt#>. Acesso em:19 nov. de 2022.

LIMA, Samuel do Carmo. **Espaço, Território e Lugar** in: LIMA, S.C. **Território e promoção de saúde: perspectivas para a Atenção Primária à saúde**. São Paulo. Paco Editora, 2016, p. 2 – 46.

MANGIA, E. F.; MURAMOTO, M. T. **O estudo de redes sociais**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 16, n. 1, p. 22-30, jan./abr., 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000400016>. Acesso em: jan. 2024.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. Temas em Saúde. 132 p. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/y9sxc>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MINAYO, M. C.S (Org.). **Teoria, método e criatividade**. 26 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2017.

NOAL, Debora da Silva. et al. **Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na covid-19**. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: https://www.fiocruzbrasilia.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf. Acesso em: 19 nov. 2022.

NUNES, Ana Clara Pereira. et al. **Violência infantil no Brasil e suas consequências psicológicas: uma revisão sistemática**. Braz. J. of Develop. Curitiba, v. 6, n. 10, p. 79408-79441, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/18453/14870>. Acesso em: 22 ag. 2022.

ONOCKO-Campos, Rosana Teresa. **Saúde mental no Brasil: avanços, retrocessos e desafios**. Cadernos de Saúde Pública [online]. v. 35, n. 11, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00156119>. Acesso em: 22 ag. 2022.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ed. Ática, 1993

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. p. 140-143).

RAMMINGER, Tatiana. **Saúde do trabalhador de Saúde Mental: uma revisão dos estudos brasileiros**. Saude em Debate, Rio de Janeiro, v. 32, n. 78/79/80, p. 60-71, 2008.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=406341773006>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

RENK, V. E.; BUZIQYUIA, S. P.; BORDINI, A.S.J. Mulheres cuidadoras em ambiente familiar: a internalização da ética do cuidado. **cadernos saúde coletiva**, v.30, n. 3. p. 416-423, jul. 2022. <https://doi.org/10.1590/1414-462X202230030228>. Acesso em: 10 mai./2024.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019. Disponível em:
https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=negritude+e+dos+mitos+hist%C3%B3ricos+da+sociedade+racista+e+machista+ribeiro+2020&btnG. Acesso em: 10 mai./2024.

RODRIGUES, Fabíola Rocha; PORTO, Taciana Castelo Branco. **Modernidade Líquida: compreendendo fenomenologicamente a era das relações superficiais**. Brazilian Journal of Development, curitiba, v.7, n.5, p.45223-45241mai 2021. Disponível em:
https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=RODRIGUES%2C+Fab%C3%A9Dola+Rocha%3B+PORTO.+Taciana+Castelo+Branco.+Modernidade+L%C3%A7%C3%A7%C3%A1es+superficiais.+Brazilian+Journal+of&btnG. Acesso em: 10 abr. 2024.

SANICOLA, L. **As dinâmicas de rede e o trabalho social**. São Paulo: Veras, 2^a ed., 2020.

SANTOS, Clenilda Aparecida dos, et al. Redes de apoio às mulheres em situação de violência por parceiro íntimo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, p.e202110830 e20210830, 2022.<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0830pt>
<https://www.scielo.br/j/reben/a/9sZhHXWpfVFcrYBPX6Bt7Gb/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. En: OSAL : Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires : CLACSO, 2005- ISSN 1515-3282. Disponible em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acesso em: Acesso em: 10 mar. 2024.

SLUSKI, Carlos Eduardo. **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 1 ed.1997.

WALLERSTEIN, Nina *et al.* Princípios e Metodologias de Pesquisa Participativa Compartilhada: Perspectivas dos EUA e do Brasil - 45 anos depois da “**Pedagogia do Oprimido**” de Paulo Freire. **Societies** (Basel), v.7, n.2. 2017. Disponível em:
<https://www.mdpi.com/2075-4698/7/2/6>. Acesso em 25 de nov. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário Sociodemográfico para mães/responsável

Questionário Sociodemográfico para Mães/Responsável

PARTICIPANTE: _____(Identificação em Flores)

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Idade: _____
2. Sexo: () Homem () Mulher
2. Cor autorreferida: () Branco () Preto () Amarelo () Pardo () Indígena () Sem declaração
3. Grau de parentesco/afetividade () Solteiro () Em união (casado/união estável/e) () Separado/ Divorciado () Viúvo
5. Filhos **naturais**: () Sim () Não Se sim, quantos? _____
- 5.1. Filhos **afetivos**: () Sim () Não Se sim, quantos? _____
6. Renda: () 1 a 3 SM () 4 a 7 SM () 8 a 10 SM () 11 a 13 SM ()
7. Recebe Benefícios? () BPC quantos _____ () Bolsa família quanto? _____

II. FORMAÇÃO E ATUAÇÃO

8. Escolaridade:

() Ensino fundamental incompleto	() Ensino fundamental completo
	() Ensino médio incompleto
() Ensino médio completo	
() Ensino superior incompleto	() Ensino superior incompleto
9. Possui trabalho no momento?

() Sim, com carteira assinada	() Sim, sem carteira assinada
() Não, estou desempregada	
10. Qual a carga horária semanal do trabalho?

() 10 horas	() 20 horas
() 30 horas	() 40 horas
() Outro, qual? _____	

III. MORADIA

11. Tipo de habitação: () Casa própria () Casa alugada () Apartamento próprio () Apartamento alugado () Moradia na zona rural.
12. Em qual bairro reside? _____
13. Que meio de transporte usa para se locomover? _____
14. Quem você aciona em uma situação emergente? _____
15. *Qual é sua rede de apoio pessoal proximal no território que você vive, apontando quais os equipamentos sociais, de saúde e/ou lazer que você acessa em sua rotina cotidiana?*

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Parecer Consustanciado do CEP Número: 6.604.984 aprovado em 30/11/23.

(Para participantes do grupo Cuidadoras)

Convidamos você a participar da pesquisa *Violência sexual contra crianças e adolescentes: representações de profissionais e redes de cuidadoras atendidas em serviços psicossociais em cidade mineira*. O objetivo desta pesquisa analisar como a violência sexual contra crianças e adolescentes é pensada pelos profissionais dos serviços de atendimento, quais os impactos que o atendimento de crianças e adolescentes que foram vítimas de violência sexual tem sobre a saúde mental dos profissionais, aliada analisar a sua rede de apoio como cuidadora que acompanha crianças e adolescentes aos serviços de referência na cidade.

Sua participação é importante, pois os resultados poderão ajudar os coordenadores das Unidades de atendimento de Saúde Mental que atuam com crianças e adolescentes vítimas de violência sexual para que tomem as melhores decisões que venham a melhorar a forma em que as pessoas são atendidas, como forma de promover a saúde das pessoas atendidas; que ajude na efetivação do direito à saúde de crianças e adolescentes. Irá contribuir, também, com o meio acadêmico, pois ao divulgarmos os resultados para a sociedade podemos sensibilizar para esse problema de saúde que afeta a todos; para que se tenha um melhor entendimento sobre como as violências atrapalham o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Caso você aceite participar desta pesquisa será necessário responder a um Questionário que terá informações como nome, endereço, escolaridade, renda, dentre outros; a tirar fotos do seu bairro, sobre como a estrutura dele ajuda ou atrapalha você a levar a criança e/ou a adolescente ao serviço de atendimento; participar de um grupo de discussão dessas fotos no espaço do CAPSij ou do NEVAS; preencher um desenho chamado de mapa mínimo de rede, para identificarmos suas relações com pessoas, familiares e serviços da comunidade junto com a pesquisadora. Essas ações poderão ser realizadas em data a sua escolha, o local será o CAPSij ou o NEVAS. O questionário tem uma duração de aproximadamente 10 minutos para ser preenchido; o grupo de discussão terá duração de cerca de 50 minutos; e o preenchimento do mapa mínimo de rede de 30 minutos. Essas ações poderão acontecer separadas uma da outra, entre janeiro e julho de 2024.

Os riscos desta pesquisa são mínimos, a sua participação tem caráter voluntário e as informações produzidas serão mantidas em segurança pelos pesquisadores. Os riscos mínimos referem-se à divulgação da sua identidade ou pela possibilidade de você se sentir desconfortável ao responder as perguntas de cunho pessoal. A preservação da sua identidade será garantida na medida que você será identificada com um pseudônimo, escolhido por você no ato do preenchimento dos instrumentos de pesquisa mencionados. Para minimizar os riscos serão tomadas as seguintes providências: garantia de total privacidade e sigilo absoluto de sua identidade, haja vista que as entrevistas, o preenchimento do mapa mínimo de rede e o grupo de discussão das fotos que você tirar será feito no espaço do CAPSij ou do NEVAS. Suas falas serão transcritas, seus dados pessoais, suas fotos serão guardadas serão arquivados e ficarão à responsabilidade da equipe de pesquisadores por um período de 5 anos, em formato digital (na

“nuvem”), cujo acesso se dá com uso de senha pessoal. Você poderá ter acesso a qualquer informação, a qualquer tempo, pelo e-mail ou pelo WhatsApp dos pesquisadores.

Espera-se que de sua participação na pesquisa o estudo sobre o entendimento da violência sexual pelos profissionais, como esse atendimento afeta a saúde mental deles, e ainda, da sua rede mínima e das fotografias, possamos conhecer as fragilidades e potencialidades que existem nos bairros da cidade que influenciam no atendimento de crianças e adolescentes que foram vítimas de violência sexual. De modo indireto, os resultados e as análises que serão feitas podem ajudar a identificar formas de prevenir a violência por meio do acesso a políticas públicas pelas famílias.

Você tem o direito a obter quaisquer informações relacionadas a sua participação nesta pesquisa, a qualquer momento que desejar, por meio dos pesquisadores do estudo. Sua participação é voluntária, e em decorrência dela você não receberá qualquer valor em dinheiro. Você não terá nenhum gasto por participar nesse estudo, pois qualquer gasto que você tenha por causa dessa pesquisa lhe será resarcido, como transporte ou alimentação. Você poderá não participar do estudo, ou se retirar a qualquer momento, sem que haja qualquer constrangimento junto aos pesquisadores ou prejuízo, bastando você dizer à pesquisadora que lhe entregou este documento.

Você não será identificada neste estudo, pois a sua identidade será de conhecimento apenas dos pesquisadores da pesquisa, sendo garantido o seu sigilo e privacidade. Você tem direito a requerer indenização diante de eventuais danos que sofra em decorrência dessa pesquisa.

Contato dos pesquisadores:

Nome: **Dr. Ailton de Souza Aragão**

E-mail: ailton.aragao@uftm.edu.br

Telefone: (34) 3700 6924

Endereço: Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Departamento de Saúde Coletiva. Avenida Getúlio Guaritá, 159. Sala 429. Bairro N. Sra. da Abadia, CEP: 38025-440. Uberaba, MG

Nome: **Elzeli Gonçalves da Silva Alves**

E-mail: elzeli.alves@ufu.br

Telefone: 34 99968 4072

Endereço: Av. Orlando Rodrigues da Cunha, 2223. Bairro da Abadia, CEP: 38030-370. Uberaba, MG

Nome: **Silvia Rosa Prieto Urzêdo**

E-mail:

Telefone: (34) 99947 5054

Endereço: Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Departamento de Saúde Coletiva. Avenida Getúlio Guaritá, 159. Sala 429. Bairro N. Sra. da Abadia, CEP: 38025-440. Uberaba, MG

Nome: **Stephanie Caroline dos Santos Wild**

E-mail: d201811356@uftm.edu.br

Telefone: (34) 992033850

Endereço: Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Departamento de Saúde Coletiva. Avenida Getúlio Guaritá, 159. Sala 429. Bairro N. Sra. da Abadia, CEP: 38025-440. Uberaba, MG

Em caso de dúvida em relação a esse documento, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34) 3700-6803, ou no endereço da Av. Getúlio Guaritá, 159, Casa das Comissões, Bairro Abadia – CEP: 38025-440 – Uberaba-MG – de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados criados para defender os interesses dos participantes de pesquisas, quanto a sua integridade e dignidade, e contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e comprehendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará as minhas atividades profissionais na unidade que estou recebendo. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar do estudo, do *Violência sexual contra crianças e adolescentes: representações de profissionais e redes de cuidadoras atendidas em serviços psicossociais em cidade mineira*, e receberei uma via assinada deste documento.

Uberaba,/...../.....

Assinatura da participante

APÊNDICE C – Parecer Consustanciado do CEP



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REPRESENTAÇÕES DE PROFISSIONAIS E REDES DE CUIDADORAS ATENDIDAS EM SERVIÇOS PSICOSSOCIAIS EM CIDADE MINEIRA

Pesquisador: AILTON DE SOUZA ARAGÃO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 76222323.6.0000.5154

Instituição Proponente: Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.604.984

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO, de 30/11/2023) e do Projeto Detalhado (PROJETO_DETALHADO_PESQUISA_CAPSiJ_NEVAS, de 30/11/2023).

Segundo os pesquisadores:

“INTRODUÇÃO: No contexto pandêmico, desde o final de 2019, vivenciamos uma crise sanitária mundial, considerada como o maior surto de pneumonia típica desde a síndrome respiratória grave (SARS) em 2003 - a Covid-19 (COSTA et al., 2021). Com as altas taxas de transmissibilidades da doença e sob o risco e medo de contágio, várias medidas de segurança foram adotadas, tais como o distanciamento físico (ONOCKO, 2019; NOAL, 2020). Frente à inconsistência das estratégias do Governo Federal, os estados deliberaram como medida emergencial: o distanciamento físico, fechamento de escolas, alguns comércios, parques de convívio coletivo e serviços não essenciais (BRASIL, 2020). Essa mudança do cotidiano gerou desafios de diferentes níveis em todos os aspectos da vida das famílias atendidas e dos profissionais, o que impactou também no agravamento da saúde mental (BRASIL, 2020).

A saúde mental, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), é um estado de bem-

Endereço: Av. Getúlio Guaratá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 6.604.984

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os pesquisadores propõem realizar um estudo qualitativo, de caráter descritivo e de natureza social estratégica e sobre a temática análise das representações sociais dos profissionais acerca da violência sexual praticada contra crianças e adolescentes, e ainda, como o contato diário com essas situações impactam na saúde mental dos mesmos. O estudo será realizado com 30 participantes (10 trabalhadoras e trabalhadores do CAPSij, 10 trabalhadoras e trabalhadores do NEVAS e 10 mães biológicas e afetivas de crianças e adolescentes que foram vítimas de violência sexual e recebem atendimento no NEVAS e/ou CAPSij na cidade de Uberaba, MG), com idade acima de 18 anos, que serão recrutados por meio de convite realizado pelas pesquisadoras dentro da localidade do CAPSij e do NEVAS. Serão realizados: (1) questionários sociodemográficos para ambos os grupos, (2) entrevistas semi estruturadas com os profissionais para identificação do status da saúde mental dos mesmos (3) Aplicação do método Photovoice, seguido dos Grupos de Discussão com as cuidadoras acerca das imagens produzidas.

Equipe de pesquisadores vinculada na Plataforma Brasil: Ailton de Souza Aragão (Responsável Principal), Rosimar Alves Querino (Docente do Departamento de Saúde Coletiva/ ICS), Elzeli Gonçalves da Silva Alves (Mestranda em Saúde Ambiental e do Trabalhador), Stephanie Caroline dos Santos Wild (Graduanda em Psicologia) e Silvia Rosa Prieto Urzêdo (Graduanda em Psicologia)

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios foram apresentados adequadamente.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 510/16 e Norma Operacional 001/2013, o Colegiado do CEP-UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O CEP-UFTM informa que de acordo com as orientações da CONEP, o pesquisador deve notificar na página da Plataforma Brasil, o início do projeto. A partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios parciais (semestrais), assim como também é obrigatória, a apresentação do relatório final, quando do término do estudo.

Endereço:	Av. Getúlio Guaratá, nº 159, Casa das Comissões
Bairro:	Abadia
UF:	MG
Telefone:	(34)3700-6803
Município:	UBERABA
CEP:	38.025-440
E-mail:	cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 6.604.984

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJECTO_2249316.pdf	30/11/2023 09:35:02		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_PESQUISA_CAPSij_NEVAS.docx	30/11/2023 09:33:44	AILTON DE SOUZA ARAGÃO	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_CoParticipacao_Pesquisa_SMS.pdf	30/11/2023 09:31:19	AILTON DE SOUZA ARAGÃO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Profissionais.docx	30/11/2023 09:30:08	AILTON DE SOUZA ARAGÃO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Cuidadoras.docx	30/11/2023 09:26:01	AILTON DE SOUZA ARAGÃO	Aceito
Outros	Anexo_4_Mapa_Minimo_Rede.docx	30/11/2023 09:19:14	AILTON DE SOUZA ARAGÃO	Aceito
Outros	Anexo_6_Questao_PV_Cuidadoras.docx	30/11/2023 08:56:08	AILTON DE SOUZA ARAGÃO	Aceito
Outros	Anexo_5_Questoes_Mapa_Minimo_Red.e.docx	30/11/2023 08:55:18	AILTON DE SOUZA ARAGÃO	Aceito
Outros	Anexo_3_Teste_SRQ_20.docx	30/11/2023 08:54:22	AILTON DE SOUZA ARAGÃO	Aceito
Outros	Anexo_2_Teste_Evocacao_Semiestrutura.docx	30/11/2023 08:53:52	AILTON DE SOUZA ARAGÃO	Aceito
Outros	Anexo_1_Questionario_SocioDemografico.docx	30/11/2023 08:52:44	AILTON DE SOUZA ARAGÃO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_assinada.pdf	30/11/2023 08:50:06	AILTON DE SOUZA ARAGÃO	Aceito
Brochura Pesquisa	PROJETO_CEP_UFTM_PESQUISA_CAPSij_NEVAS.docx	24/11/2023 08:56:10	AILTON DE SOUZA ARAGÃO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões	CEP: 38.025-440
Bairro: Abadia	Município: UBERABA
UF: MG	E-mail: cep@uftm.edu.br
Telefone: (34)3700-6803	

